

Igreja Batista Monte Horebe
Pastoral 14-11-21
Autora: Pastora Eunice Batista

Gratidão: entendendo as partes de um todo

“Passados doze meses, quando estava passeando no terraço do palácio real da cidade da Babilônia, o rei disse: — Não é esta a grande Babilônia que eu construí para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?”

Daniel 4:29-30 (AA)

O grande rei Nabucodonosor, da grande Babilônia, é comparado em sonho com uma grande árvore que cresceu e tornou-se tão forte, frondosa e alta, que foi vista por toda a terra. Frutífera, belas folhagens, acolhia aves e animais, provendo sustento para todos. A visão continua e a essa árvore - cujo domínio se estendia até a extremidade da terra - veio a sentença trazida pelo vigilante, um santo, um anjo, que desceu do céu e gritou muito forte para que fosse cortada, preservando apenas o tronco com as raízes na terra.

Daniel, entendendo o decreto do Altíssimo Deus contra o rei, revela a Nabucodonosor o significado do sonho e o instrui a se redimir. É imperativa a leitura posterior de todo o capítulo 4 do livro de Daniel para que se entenda a magnitude da narrativa do sonho do rei e correta interpretação de Daniel, seus tempos, abrangência e complexidade.

O uso repetido do adjetivo grande no parágrafo primeiro objetiva alertar para o cuidado frente a grandiosidade (grande em comparação a que? A quem?). No versículo em destaque acima, o rei expressa – através dos enfáticos pronomes “eu”, “meu”, “minha” – sua presunçosa satisfação consigo mesmo, esquecendo que reis ou súditos são parte integrante e interligada de um todo e que qualquer empreitada exige esforço coletivo para ser realizada e bem-sucedida.

No auge da sua soberba (construída em sua alma no decorrer que cada vitória que Deus lhe permitir conquistar), o rei se ufana do seu grandioso poder e conclui que tudo fez para sua casa real e glória da sua majestade. Tanto esforço para nada! Doze meses após o sonho e a revelação de Daniel, o rei foi tirado do meio dos homens e nada usufruiu até que reconheceu a Deus, o Altíssimo.

É fácil sucumbir ao engodo de creditar a nós mesmos qualquer resultado que consideremos ter sido um sucesso, desconsiderando que em tudo precisamos das pessoas. Muitas vezes Deus levanta alguém que nem conhecemos para nos ajudar e abraçam nossa causa. Outras vezes familiares ou amigos “mais chegados que um irmão” que lutam ao nosso lado, realizando grandes ou pequenas tarefas e mesmo uns poucos que vêm atrapalhar – e que sempre são em menor número das que nos querem apoiar – cumprem seu propósito, afinal “O Senhor fez todas as coisas para atender aos Seus próprios desígnios, até o ímpio para o dia do mal.” PV-16:4.

Entendendo este versículo de Provérbios à luz de RM-11:36: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente, amém”, tem-se o alerta que tudo atende aos desígnios de Deus. O propósito claudicado de Nabucodonosor tinha fim em si mesmo. Em sua trajetória o rei nunca entendeu que fez parte de um algo maior e que o ser humano finito jamais compreenderá o todo de um todo que é Deus.

Se nunca vislumbraremos Deus, cabe a nós aquiescer à sua vontade e soberania, descansando pacificamente sob suas asas, onde tantas vezes nos quis ajuntar. (LC-13:34). “E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.” CL-3:15

Cabe a nós ainda hoje o alerta de Daniel que foi olvidado por Nabucodonosor: “Portanto, ó rei, aceite o meu conselho: abandone os seus pecados, praticando a justiça, e acabe com as suas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; assim talvez a sua tranquilidade se prolongue.” DN-4:27. eunicebatistapastoraauxiliar_14-11-21